

O SISTEMA COOPERATIVADO DOS ASSENTADOS: PRIMEIROS RESULTADOS DE UM PROCESSO

Hugo A. G. Vela *

RESUMO

A produção agrícola de forma cooperativada realizada pelo Movimento Sem-Terra do RS já apresenta seus primeiros resultados. No Brasil existem 580 assentamentos, totalizando cerca de 100 mil famílias. Destes assentamentos, 86 estão no RS. A análise de cinco assentamentos do Movimento Sem-Terra do RS mostra o processo de crescimento das lutas pelo uso, posse e ocupação da terra. Os assentamentos em Cruz Alta, Ibirubá, Fortaleza dos Valos, Salto do Jacuí e Charqueadas demonstram o desenvolvimento do Sistema Cooperativista dos Assentamentos (SCA), das Cooperativas de Produção Agrícola (CPA's) e da Cooperativa Central dos Assentamentos do RS (COCERGS). O assentamento de grupos de diversas origens evidencia o crescimento do volume e da diversificação na produção de alimentos, com todos os seus benefícios, através da união das famílias. O processo de Reforma Agrária continua em marcha. O sistema cooperativado dos assentamentos representa, hoje, uma perspectiva de melhoria às famílias e grupos que antes não tinham condições de produzir e sobreviver.

O presente artigo mostra os primeiros resultados da produção agrícola de forma cooperativada, em 5 assentamentos do Movimento Sem Terra no Estado do Rio Grande do Sul, num processo de "Reforma Agrária" nacional, bastante diferente de todos os ensaios já feitos no contexto latinoamericano⁽¹⁾. No entanto, os dados da produção nos são mostrados dissociados da realidade social em que são produzidos, mas como resultados de um processo que não só desenvolve discussões teóricas, como principalmente lutas políticas, econômicas e sociais.

O artigo mostra, os resultados da cooperação e do cooperativismo, essa associação de pessoas com fins econômicos buscando o bem estar social, num processo em marcha na

* Prof. no CPGEExR/DEAER - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria / Prof. Visitante no CESCOOP-UNISINOS

⁽¹⁾ Uma contextualização histórica dos diversos processos de Reforma Agrária em alguns países latinoamericanos é oferecido resumidamente por Vela, H. em Extensão Rural e Reforma Agrária/Contribuição para uma Introdução ao Estudo sobre o papel que a ER poderá assumir no caso brasileiro. In: **Informativo DEAER**. DEAER-UFSM. Santa Maria, nº III - Julho de 1986. p.12-18

atualidade nacional; O Sistema Cooperativista dos Assentados (SCA), e nesse caso, de 5 cooperativas filiadas a COCERGS, ou Cooperativa Central dos Assentamentos do Rio Grande do Sul. Num contexto histórico de continuidade e intensificação das velhas lutas pelo uso, posse e ocupação da terra no Brasil.

Para tanto, os cinco assentamentos, Cruz Alta, Ibirubá, Fortaleza dos Valos, Salto do Jacuí e Charqueadas, situaram-se num intervalo de tempo de pouco mais que uma década, entre inícios dos anos 80 e agora, primeira metade dos 90. Por um lado, devido a que, efetivamente, no Rio Grande do Sul, nesse período se intensifica a ocupação e produção da terra efetivamente pelo MST. E por outro, obviamente, 10 anos permitem uma análise comparativa de caráter significativo para se aceitar como dados ou informações. Pois bem, dessas Cooperativas de Produção Agrícola (CPA's), as quatro primeiras emergiram organizadamente durante o decorrer da década passada, as últimas, Cruz Alta, em 1988 e a Copac, de Charqueadas, apenas em maio de 1991.

Entretanto a preocupação maior, nesse artigo, não é com a cronologia exatamente, mas com o fato, o processo que concretamente evidência uma mudança de grupos de diversas origens, semi-nômades, que conseguem se unir, não mais para a conquista da terra, mas agora para produzir alimentos, algo que efetivamente está faltando para 36 milhões de brasileiros. Isso sem observar a mudança interna, humana, necessária para se organizar e conseguir reverter o processo de uma forma positiva. Desde essa perspectiva, pelos próprios fatos serem relativamente novos, as análises também não têm nada de conclusivo e, como o processo analisado, dinâmico, em permanente movimento, as visões científicas também devem sê-lo.

Nesse contexto, são comparados os dados da produção anterior nas áreas ocupadas, com propriedades individuais e com produção individualizada, e as áreas coletivizadas, embora com parcelas definidas, mas com produção cooperativada. Para os casos de Cruz Alta, Ibirubá, Fortaleza dos Valos e Salto do Jacuí, é possível ainda comparar os dados do volume da produção coletivizada e o seu valor econômico com as rendas e orçamentos municipais. Além, evidentemente, do fato principal, o aumento no volume e diversificação da produção de alimentos, com todos os seus benefícios. No caso de Charqueadas, logicamente devido a sua recente instalação, não permite ainda análises significativas nesse sentido, apenas a

comparação com a produção anterior da área ocupada. A distribuição no tempo dessas associações permite também, avaliar a continuidade, desgaste ou crescimento desse processo.

Entretanto, uma vez que toda produção social representa a maneira como uma determinada sociedade constroi suas estruturas e processos, convem lembrar, pelo menos, a história mais recente das lutas pela ocupação e produção da terra.

ALGUMAS RECORDAÇÕES TEÓRICAS

Pois bem, a velha Questão Agrária, tão discutida por intelectuais europeus e latinoamericanos contemporâneos, com toda a complexidade do debate e a representatividade dos interlocutores, não parece ter-se resolvido no Brasil atual. As discussões sobre a Luta pela Terra e seus principais envolvidos, os camponeses, se bem parece ter esfriado na batalha teórica, no campo da vida objetiva, esses camponeses, cresceram quantitativa, e qualitativamente, começando a mostrar os resultados desse processo.

A pacatez e submissão atribuídas ao homem do campo por teorias pseudo-científicas tendem a ser enterradas de vez, agora no final do século, com os resultados de caráter econômico, político e social, obtidos por diversos movimentos camponeses, não são no Brasil, mas no contexto de Latinoamérica. Os "teóricos" do culturalismo-estruturalismo, baseados nas idéias de Robert Redfield e Erik Wolf, assim como alguns setores paralizados do marxismo ortodoxo defendiam, e não é de duvidar que alguns ainda defendam, que a pobreza e o atraso cultural das populações camponesas era devido a sua submissão e a falta de iniciativas.

Contrário ao que se pensava, nos últimos anos esses camponeses, no conjunto das modificações conjunturais e estruturais desses países, têm conseguido acompanhar tais transformações, ampliando suas linhas de ação e participação na construção da sociedade, contrariando a idéia de que precisam ser dirigidos, como pensava o jovem Marx.

Contudo, a cientificidade da teoria Histórico-Crítica, mostrou, pela análise feita por Vela⁽²⁾, através de estudos teóricos, dados sobre níveis de renda, uso e posse da terra, dieta

⁽²⁾ VELA, H.G. **CAMPESINATO LATINOAMERICANO: Conceituação e Movimentos**

alimentar, alfabetização, formas de renda, formas de produção etc. de organismos internacionais como FAO, OIT, CEPAL, entre outros, e em muitos casos com a participação e observação direta, na realidade de 12 países latinoamericanos, bem como, a análise comparativa dos principais movimentos sociais agrários do séc. XX, que longe da pacatez e submissão, os movimentos camponeses constituem-se na mais autêntica forma revolucionária dos solos latinoamericanos. Revolução aqui, entendido no sentido mais amplo do termo.

Nesse contexto, o campesinato ou o camponês, não aparece apenas como um homem rústico, pacato, analfabeto que não sabe se apresentar em público, disseminado e decorrente do processo civilizatório, como nas definições convencionais, mas como o "conjunto de todos os trabalhadores rurais que formam os ejidatários, colonos, parceiros, agregados, foreiros, assalariados e até pequenos e médios proprietários, que representam a classe explorada do binômio Camponeses-Produtores X Classe-Estado, num sistema de formações sociais pré-capitalistas subordinado ao modo de produção capitalista, no domínio do Capital como relação social global"⁽³⁾.

Pois bem, esse confronto entre um setor da sociedade que lhe nega seu direito e sua participação histórica, a partir das próprias definições, e a memória de longos anos de luta pela melhoria das suas condições de vida estão presentes constantemente na luta do MST. Por isso, seu associativismo já nasce contrariando as formas tradicionais da cooperação. O SCA, ou Sistema Cooperativista dos Assentados, nasce como uma alternativa ao próprio modelo tradicional liderado pela OCB. Em oposição ao modelo concentrador da modernização agrícola capitalista, como defendem seus próprios assessores.

A ATUALIDADE OBJETIVA

Conforme sustentam CASTILHO et al. (1993): "Em contraposição a estrutura oficial e o papel histórico de subordinação do cooperativismo brasileiro aos interesses dos grandes grupos econômicos e do Estado, surgem no campo novas formas de organização do

Sociais. CPGExR - UFSM. Santa Maria, 1986. Prêmio SOBER 86.

⁽³⁾ Ibid p.116.

campesinato". Por isso, defende a assessora do MST, MOTA⁽⁴⁾, o "Sistema Cooperativista dos Assentados - SCA, é uma forma articulada de várias experiências associativas nos assentamentos, que pretende construir um sistema alternativo para melhorar o nível de vida das famílias assentadas".

"Essa proposta - continua Mota - o fruto de um processo de permanente discussão, experiências e debates, e está aberto a novas sugestões".

No Brasil, existem 580 assentamentos, perfazendo um total de 100 mil famílias, embora somente 60% estão totalmente incorporados ao sistema cooperativado, o resto, está em processo de compor o SCA. Pouco, se se compara com o número de famílias sem terra, que ultrapassa os 5 milhões. Desses assentamentos, 86 estão no RGS, constituídos por apenas 3400 famílias, das 150 mil existentes.

Mais de 90% dos assentamentos estaduais trabalham sob a forma cooperativada, espalhando os benefícios da associação em diversos pontos do território, desde Sarandi e Bagé, em 1978, passando por Santiago, Vacaria, Cruz Alta, Porto Alegre, Piratini e ultimamente Charqueadas. Universo do qual também fazem parte as cooperativas aqui em estudo.

Pois bem, como se sustentava, o movimento do campesinato latinoamericano, e nesse caso, o brasileiro, não somente cresceu quantitativa, mas também qualitativamente, como o demonstram os primeiros resultados das CPA's aqui analisadas. Evidentemente em um processo de distribuição da terra, aonde além de todas as opiniões, medidas e planos institucionais, não tem faltado todo tipo de enfrentamentos que vão, desde a ordem jurídica, até os enfrentamentos "veladamente" armados, quase sempre com um saldo negativo para o nomadismo agrícola.

⁽⁴⁾ MOTA, C. **SISTEMA COOPERATIVISTA DOS ASSENTADOS**. Seminário apresentado no CESCOOP-UNISINOS. São Leopoldo. Julho de 1991. datilografado. p.01
MOTA, C. et al. **Assentamentos: resposta econômica e social da pequena propriedade**. Ibid. julho de 1991. datilografado.

A PRODUÇÃO DAS CPA's

Os assentamentos de Ibirubá, Fortaleza dos Valos, Salto do Jacuí e Cruz Alta estão formados por 107479 pessoas, que representam 3,51% da população total dos municípios. E ocupam 416658 ha, 5,03% das terras agrícolas.

Pois bem, segundo os dados de Zamberlan⁽⁵⁾, o VBP, ou Valor Bruto da Produção, sob a forma cooperativada no conjunto desses assentamentos, já desde a safra 88/89, para o período aqui analisado, atingiu 3,1 vezes a dotação orçamentaria desses municípios.

A média da produção de alguns produtos empresariais como soja e pecuária, ultrapassa a média da produção individual do maior do 4 municípios, conforme se verifica, na Tabela 1.

TABELA 1 Dados comparativos das médias de produção entre a produção cooperativada dos assentamentos e a produção individual para Soja e Pecuária.

Município/Cruz Alta Produto	Produção	
	Méd./CPA's	Méd./Prod.Indv.
Soja	39,90 sacas/ha	30,00 sacas/ha
Pecuária	2,52 cab./ha	0,96 cab./ha

Fonte: Unicruz; apud Mota⁽⁶⁾.

Na área plantada com soja, no regime individual anterior, eram produzidas 102 mil sacas que beneficiavam de várias maneiras, 30 famílias. Sob o trabalho cooperativado, são produzidas 653631 sacas que beneficiam diretamente 775 famílias.

Como se não bastasse, apesar de ocupar apenas 5,03% da área agrícola desses municípios, os dados indicam que sua produção, pelo menos em alguns produtos essenciais ultrapassam a 1/5 da produção global dos municípios, 22,2% de milho, 31,6% de arroz, 18,6% de feijão, 18,4% de leite.

Na produção de carnes, contribuem com 21,9% de suínos, 22,5% de aves e 3,8% de bovinos.

⁽⁵⁾ Op. cit. p.15.

⁽⁶⁾ Ibid.

No caso da soja, apesar de ter conseguido aumentar a média de produção por área, apenas contribui com 7,3% da produção e 5,9% de trigo. Em compensação, ocorre uma grande diversificação de produtos nas áreas trabalhadas.

Nesse contexto, ainda, para as safras estudadas de 88 e 89, foram produzidas 107 toneladas de frutas e 270 toneladas de industria caseira por ano. Afora, os hortigranjeiros evidentemente⁽⁷⁾.

Há, ainda, nessa diversificação de culturas, dados mais significativos encontrados em produtos como tomate, amendoim, cebola e aveia, como se verifica na Tabela 2.

TABELA 2 Produção por cultura em cada assentamento (em toneladas) e percentagem em relação a produção total dos quatro municípios. Safra 88/89

Relação CPA's/Munc.	PRODUTOS (toneladas)			
	Cebola	Tomate	Amendoim	Aveia
Cruz Alta	12,0	80,0	47,0	700
Ibirubá	32,0	10,0	16,0	572
Salto do Jacuí	6,0	16,0	8,0	600
Fortaleza dos Vales	59,0	113,0	4,0	700
TOTAL	103,0	219,0	75,0	2572
% total dos Munc.	42,8	19,2	74,9	16,6

FONTE: Dados da Unicruz⁽⁸⁾ e tabela elaborada pelo autor.

Quando se verifica que anteriormente essas terras estavam dedicadas unicamente às culturas da soja, arroz e pecuária, e ainda em produção mais baixa que a produzida pelas CPA's, observa-se que, pelo menos nos casos aqui analisados, havia efetivamente uma vontade de produzir, contrariando algumas críticas que se observam a tais movimentos, de que sua atuação seria meramente política e é, mas não na sua totalidade.

Segundo Vela⁽⁹⁾, na conjugação e correlação de forças dos movimentos sociais camponeses na América Latina com a totalidade social, as lideranças originais desses

⁽⁷⁾ Ibid p.16.

⁽⁸⁾ ZAMBERLAM, J. **Assentamentos: respostas econômicas da pequena propriedade na região de Cruz Alta**. Cruz Alta-RS, Unicruz. 1989.

⁽⁹⁾ Op.cit, especialmente no capítulo V.

movimentos normalmente vêm-se envolvidas com outros setores urbanos simpáticos ao movimento, o que acaba muitas vezes formando uma frente ampla, assumindo espaços nacionais. E dependendo do nível do fato e da conjuntura, até internacional. Rompendo as barreiras tradicionais ao desenvolvimento.

Não são desconhecidos no Brasil os setores urbanos simpáticos a esse movimento, que não são apenas políticos, vindos de partidos, mas também religiosos e de setores profissionais. Em alguns estados, os próprios governos locais começam a perceber os benefícios da utilização das terras improdutivas, muitas vezes colaborando na mediação dos inevitáveis conflitos entre os grandes proprietários e os trabalhadores sem terra.

Não há como negar, a amplitude atingida pelo MST no cenário nacional, especialmente na última década.

Pois bem, o caso de Charqueadas não é diferente, os camponeses também estavam com muita vontade de plantar. A comparação entre a utilização e produção da terra antes e depois da instalação da CPA de Charqueadas, mostra dados incontestáveis não apenas da produção cooperativada, como da viabilidade da pequena propriedade familiar, e principalmente, dos assentamentos. Como alternativa para reativar o processo de desenvolvimento no campo.

A COPAC conta com uma área bem menor que as outras 4 CPA's referidas anteriormente, menor, não somente em área, como também no número de famílias. O assentamento está formado por 45 famílias compostas por 145 pessoas, que ocupam uma área de 850 ha.

A Tabela 3 compara a produção individual anterior, da antiga Fazenda São Pedro, com produção atual da COPAC, no primeiro ano do assentamento e de sua fundação.

TABELA 3 Dados comparativos da produção individual anterior e a produzida cooperativamente após o assentamento.

Forma de produção	Área (ha)	Produção / safras	
		91	92/93
Fazenda São Pedro			
Individual	850	200 cab./bov.	-
COPAC	850	Ano do assent.	981 ton. de cereais e hortigranjeiros

Fonte: Dados de Góes⁽¹⁰⁾ e tabela elaborada pelo autor.

As 981 toneladas produzidas já na primeira safra, são a totalidade da produção de uma inteligente diversificação de culturas que correspondem a: 225 toneladas de arroz, 410 de mandioca, 210 milho, 24 de feijão, 30 de morango e abóbora, 6 de cebola e alho, 2 de amendoim, 2 de pipoca, 2 de pepino e 70 de melancia.

Como se não bastasse, esses produtores já plantaram 2500 mudas de citrus, e contam com 600 enxertos prontos para serem plantados nos próximos 3 anos. Nessa área, ainda há espaço para 104 suínos que permitem um abate de 10 a 12 cabeças de 40 em 40 dias, 48 bovinos de corte, 850 galinhas para postura de ovos.

A satisfação de Augustinho Picoloto, de 29 anos, quando lembra: "chegamos sem uma enxada"⁽¹¹⁾, fica explicada pelo volume da produção. E os planos não ficam por ali, a cooperativa dos assentados de Charquedas já tem traçadas as metas para serem atingidas até 1997, quando será feita uma nova análise do trabalho. Por enquanto, os planos incluem o aumento na área de pastagens, de arroz, de açudes, plantio de cana-de-açúcar, reflorestamento e criação de matrizes.

⁽¹⁰⁾ GÓES, F. Cooperativa Diversifica Produção. In: *Revista Campo e Lavoura*. Porto Alegre, ZH. 28 de maio de 1993. p.4-5.

⁽¹¹⁾ Apud GÓES p.4.

O EFEITO SOCIAL

Em termos sociais, diz a assessora do MST, Cledir Mota⁽¹²⁾, "já se pode observar a melhoria nas condições de vida de muitos assentamentos. E os grupos que trabalham coletivamente, em geral, estão melhor que os pequenos proprietários."

Um estudo feito por técnicos da UNIJUÍ⁽¹³⁾ na CPA de Júlio de Castilhos (COPANOR), outro assentamento estadual, mostrou que hoje, 31,62% dos associados estão freqüentando a escola, embora haja um grupo significativo de jovens na expectativa de ser criada uma escola que lhes permita ir além da 6ª série.

Por outro lado, em visita pessoal, e esses técnicos também o constataram, a população desse assentamento começa a desenvolver hábitos de leitura. Há, entre romances, livros técnicos e didáticos conseguidos através de doações, 2000 livros. Incentivar esse hábito, é um desafio permanente para o grupo, dizem os associados da COPANOR.

Desde essa perspectiva, uma vez que todas essas cooperativas fazem parte da Cooperativa Central de Assentamentos do Rio Grande do Sul, é de se esperar que tal tecnologia de desenvolvimento social comece a chegar a todas suas associadas, assim como chega a tecnologia gerada por alguns centros formados por esses assentamentos em conjunto com outros setores sociais. Em alguns estados, como no Rio Grande do Sul tem-se organizado centros de assistência técnica que buscam o desenvolvimento de tecnologias mais adaptadas ao meio ambiente, tais como o CETAP, e o CIDAP, no Espírito Santo. Nesse momento, discute-se a possibilidade de uma escola técnica nacional.

Marco Antônio Celso, um administrador técnico que trabalha na CPA de Sarandi, aluno do curso de Especialização em Cooperativismo da UNISINOS, me comunicava que ali, já se conseguiu uma escola que funciona até a quarta série do 1º grau, e em conjunto com outros órgãos estão desenvolvendo o seu CETAP.

⁽¹²⁾ Op. cit. p.2.

⁽¹³⁾ Universidade de Ijuí - Seminário Permanente de Educação Popular/SEP. **Sistematização da Experiência da COPANOR: Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Ramada. Assentamento Nova Ramada - Júlio de Castilhos. Ijuí, abril de 1991.**

E a procura não fica apenas ao nível do primeiro grau, essas cooperativas estão investindo na preparação dos seus técnicos e os profissionais que lhes assessoram. O curso de Especialização antes citado, tem recebido nos últimos anos diversos alunos que trabalham no movimento. Somente na turma 94/95 um convênio entre COCERGS/CEDOPE/UNISINOS, oportunizou que 10 desses técnicos o frequentasse, embora não todos regularmente matriculados.

Nos casos aqui citados, pelo menos nos primeiros quatro, também já contam com escolas, embora não existem dados sistematizados, o que aliás, constitui um grande espaço para os pesquisadores da educação, os dados mais amplos e detalhados nesse sentido somente têm sido recolhidos pelos técnicos da UNIJUÍ, especialmente em Santiago e Júlio de Castilhos.

Contudo, fica evidente que solucionados os primeiros problemas, terra e alimentos, esses camponeses tenham mais tempo para a cultura, e evidentemente, a superação da pobreza em geral. Os dados não deixam dúvida dos resultados do trabalho coletivo, mostrando-se como uma alternativa eficaz na solução de problemas sociais através do econômico.

Entretanto, como se verifica pelos números do total de famílias ainda para serem assentadas no Estado, 150 mil, ainda resta muito por fazer, e ali já não é apenas um trabalho de agricultores, mas do conjunto da sociedade. Quinze anos após a primeira ocupação de terras no estado, foi realizado em outubro de 1993 o I Encontro Estadual de Assentamentos, patrocinado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento, através do Departamento de Apoio ao Cooperativismo, em conjunto com a COCERGS, ao qual onde foi realizado um balanço desse período⁽¹⁴⁾.

Os dados mostraram que 70% dos assentamentos do estado não contam ainda com energia elétrica, das terras ocupadas 30 mil delas estão infértéis, faltam ainda postos de saúde e mais escolas, 1200 crianças ainda ficam fora dela. De imediato, no final do encontro, os agricultores conseguiram formar uma comissão com representantes do DAC, da Secretaria da Agricultura, do INCRA, da EMATER e do próprio movimento, para trabalhar na formação

⁽¹⁴⁾ Veja-se Assentados exigem Política Agrária. In: **Zero Hera**. Porto Alegre, 23 de outubro de 1993. p.34.

do Instituto Gaúcho de Terras, Cartografia e Florestas, para tratar da questão agrária estadual.

Nesse contexto, disse a assessora Mota, "Embora alguns assentamentos estejam ainda em situação precária, ela é ainda melhor e representa uma perspectiva de melhoria comparado a sua situação anterior de Sem Terra, sem condições de produzir e sobreviver".

CONCLUSÕES

Evidentemente, num processo em marcha não há conclusões definitivas ou acabadas, mas dos dados aqui apresentados pode-se tirar uma conclusão preliminar, a de que, nesse contexto todo, como o demonstram as grandes experiências históricas, o associativismo tende a jogar um papel de vital importância para o desenvolvimento dos diversos grupos sociais, partindo dos casos do SCA, a idéia é de que são esses pequenos agricultores, especialmente os do setor cooperativado, os que terão maior facilidade de produzir e de comercializar seus produtos através de formas associativas elaboradas na raiz da sua experiência histórica, no conjunto das transformações globais.

BIBLIOGRAFIA

- CASTILHO, D.; DUTRA, C. e BORBA, L. **Crítica a OCB e as Novas Formas Associativas**. Seminário apresentado no CESCOOP-UNISINOS. São Leopoldo. Fev-1993. datilografado. p.01.
- GÓES, F. **Cooperativa Diversifica Produção**. In: **Revista Campo e Lavoura**. Porto Alegre, ZH. 28 de Maio de 1993. p.4-5.
- MOTA, C. **Sistema cooperativista dos assentados**. Seminário apresentado no CESCOOP-UNISINOS. São Leopoldo. Julho de 1991. datilografo. p.01.
- MOTA, C.; BUTTENBENDER, P. e RIBAS, V. **Assentamentos : resposta econômica e social da pequena propriedade**. Ibid. julho de 1991. datilografado.

- UNIVERSIDADE DE IJUÍ - Seminário Permanente de Educação Popular/SEP.
Sistematização da Experiência da COPANOR: Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Ramada. Assentamento Nova Ramada - Júlio de Castilhos. Ijuí, Abril de 1991.
- VELA, H. A. G. Extensão Rural e Reforma Agrária. In: **Informativo DEAER.** DEAER-UFSM. Santa Maria, nº III, julho de 1986. p.12-18.
- VELA, H. A. G. **Campesinato latinoamericano: conceituação e movimentos sociais.** CPGEExR UFSM. Santa Maria. 1986 - Prêmio SOBER 86.
- ZAMBERLAM, J. **Assentamentos: respostas econômicas da pequena propriedade na região de Cruz Alta.** Cruz Alta-RS, Unicruz. 1989.
- ZERO HORA. **Assentados exigem Política Agrária.** Porto Alegre, 23 de Outubro de 1993. p.34

Agradecimentos especiais aos meus alunos no CESCOOP-UNISINOS, especialmente a Cledir Mota e Vilmor Ribas, turma 91. A Dino Castilhos, da turma 93, Marco Antônio Celso e Frei Sérgio Gorgem, entre outros da turma 94, pela colaboração com esse trabalho.